

ESPORTES RADICAIS NO MEIO AMBIENTE URBANO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Extreme sports through urban environment in the São Paulo City

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2017.v15.n1.p83>

Dimitri Wuo Pereria, Renan Oliveira de Paula, André Batista da Silva,
Camila Bianca Galindo, Vinicius Sampaio Feitoza dos Santos

Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

Resumo: A observação de pessoas procurando praças, ruas, paredes de escalada, bancos, muros e rampas pela cidade, para se divertir e se exercitar representa um novo contexto de prática esportiva que esta pesquisa busca revelar. O objetivo deste estudo foi reconhecer os locais e atores das práticas de skate, escalada e *slakline* e suas motivações para a busca destas modalidades. Utilizou-se uma pesquisa descritiva exploratória com 46 sujeitos, sendo 16 escaladores, 20 skatistas e 10 *slakliners*, da cidade de São Paulo, que responderam um questionário desenvolvido especificamente para essas atividades. Os resultados apontaram que: Há predominância do sexo masculino entre os participantes, revelando um preconceito que ainda perdura na prática esportiva. Os escaladores têm média de idade maior do que os demais, talvez devido à necessidade de equipamentos mais caros, dos maiores riscos da prática e da necessidade de cursos para aprendizagem. Os skatistas em média praticam há mais tempo, provavelmente porque a cultura do skate é mais antiga e consolidada em São Paulo. Observa-se que no *slakline* todos praticam a menos de três anos mostrando que é uma modalidade ainda recente no cenário nacional. Os participantes da pesquisa afirmam ter aprendido sozinhos, ou com amigos e familiares, evidenciando-se nesse aspecto que a Educação Física não é considerada como iniciação. Os sujeitos apontam o ganho de benefícios físicos, mentais e sociais nas suas vidas e sua intenção de continuar a prática pela qualidade de vida, diversão, evolução física e psicológica. Apenas 10,8% afirmam competir, o que mostra que os esportes radicais são considerados na perspectiva da participação voluntária. Conclui-se que os esportes radicais estão sendo incorporados à rotina das pessoas, acrescentando novo contorno à cultura corporal, numa busca de superação, de enfrentamento de desafios, do controle do risco, do prazer, e da qualidade de vida. Fica evidente que há uma distância entre a formação dos profissionais de Educação Física e estas novas práticas.

Palavras-chave: Cultura; Lazer; Esporte.

Abstract: The observation of people looking for squares, streets, climbing walls, benches, walls and ramps around the city to have fun and exercise represents a new context of sports practice that this research seeks to reveal. The objective of this study was to recognize the places and actors of skateboarding, climbing and slakline practices and their motivations for the search of these sports. Exploratory descriptive research was used with 46 subjects, 16 climbers, 20 skaters and 10 slakliners, from the city of São Paulo, who answered a questionnaire developed specifically for these activities. The results showed that: There is predominance of males among the participants, showing a prejudice that still persists in sports practice. Climbers have a higher average age than others, perhaps due to the need for more expensive equipment, greater risks of practice and the need for courses to learn. Skaters on average have been practicing for more time, probably because the skate culture is older and consolidated in São Paulo. It is observed that in slakline all practice less than three years showing that it is a modality still recent in the national scenario. The participants of the research affirm to have learned alone, or with friends and family, evidencing in this aspect that the Physical Education is not considered like initiation. The subjects point out the gain of physical, mental and social benefits in their lives and their intention to continue the practice by quality of life, fun, physical and psychological evolution. Only 10.8% claim to compete, which shows that Extreme Sports are considered from the perspective of voluntary participation. It is concluded that Extreme Sports are being incorporated into the routine of the people, adding a new contour to the body culture, in a search for overcoming, facing challenges, control of risk, pleasure, and quality of life. There is evidence that there is a gap between the graduation in Physical Education professionals and these new practices.

Keywords: Culture; Leisure; Sport.

I INTRODUÇÃO

Os esportes radicais neste início de século estão se tornando uma importante novidade no cenário nacional, pela imagem de jovialidade, por lidarem com o risco calculado e por serem praticados em ambientes menos regradados e previsíveis. Segundo Uvinha (2001), os esportes radicais são aqueles que se apresentam nos meios da água, da terra e do ar, e que estão ligados às atitudes, comportamentos e a cultura jovem. Neste estudo entende-se por esporte radical, às práticas de risco calculado nos contextos esportivos institucionalizados, de participação popular e de educação, como apontam Pereira e Armbrust (2010), quando se remetem a ideia de esporte preconizada pela UNESCO. Pretende-se também aproximar o conceito de esporte radical das denominações de aventura utilizadas por autores como Marinho (2001), Costa e Tubino (1999) e Piovani (2013), entre outros, porque o diálogo entre o lazer, o esporte e a educação não deve reduzir o conceito a nenhum destes termos mantendo a complexidade do próprio objeto de estudo, pela junção destas perspectivas.

Na atualidade há mais pessoas interessadas em práticas esportivas que fogem das competições institucionalizadas, sendo importante oferecer políticas públicas que atendam as demandas sociais e favoreçam um estilo de vida ativo à população (GALATTI, 2010; PAES, 2002; STIGGER, 2002). Assim, surge uma demanda por políticas públicas que envolvam este tipo de atividade, e a ampliação do conhecimento em relação aos praticantes e seus interesses são importantes para o planejamento de execução de ações neste sentido.

O espaço urbano distingue-se dos meios ambientes mais selvagens, pois as interações culturais nele produzem estruturas complexas, com diversas formas de relação humana, proporcionando uma grande modificação da sua forma natural. Nesse contexto, a prática esportiva também se adapta as condições desses locais, e algumas modalidades de esportes radicais dão novo significado às ruas, praças, parques e ginásios esportivos das cidades (NUNES JÚNIOR; GALATTI, 2014).

Essas práticas de enfrentamento do perigo acreditando-se na competência e experiência para controlar os riscos remetem a busca de um sentido para a existência, tendo nos momentos cuja adrenalina se eleva, uma marca que se fixa no espírito humano pela intensidade das emoções (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). Assim, concebem-se os esportes radicais como uma forma de testar as habilidades no complicado jogo da existência humana, que com velocidade intensa requer novos conhecimentos e desafios, neste início de século (SPINK, 2001). Costa e Tubino (1999) já afirmavam que essas práticas iriam renovar a percepção que temos sobre o esporte.

A busca da diversão, lazer e aprendizagem com estas atividades podem ser uma alternativa, para práticas já cristalizadas na cultura corporal. Para Marinho (2003, p. 25) isso ocorre por que: “a vida cotidiana não deve ser entendida simplesmente como palco de práticas mecanizadas e rígidas, pois ela permite uma multiplicidade de potencialidades”. Os grupos nos esportes radicais funcionam como elemento de superação das dificuldades e de crença nas potencialidades individuais se sobrepondo aos temores naturais dos acidentes. Os aspectos sociais e técnicos se unem para favorecer uma prática rumo ao autoconhecimento. Para Marinho (2001) a angústia do enfrentamento do risco se dissipa com a proximidade com o grupo, que divide as mesmas experiências.

De acordo com Pereira e Armbrust (2010) há modalidades radicais praticadas predominantemente no ambiente urbano como o skate, o *parkour*, os patins e a escalada *indoor* (em paredes artificiais), enquanto outras usam preferencialmente os espaços naturais como o surfe, o *mountain bike*, a canoagem e escalada em rocha. Nas cidades o skate é a modalidade mais difundida entre todas, porque ele utiliza o asfalto, o cimento e a arquitetura urbana de forma a ressignificar o espaço a partir do olhar jovem (LAURO, 2010). Já a escalada teve grande aumento em popularidade neste século, um dos motivos pode ser creditado ao surgimento das paredes artificiais, nas quais é possível praticar com mais segurança e sem os efeitos do clima que afetam o ambiente rochoso e montanhoso, sendo foco de diversos estudos principalmente pela sua vertente competitiva (BERTUZZI; LIMA-SILVA, 2013). Já o *slackline* surgiu nas montanhas da Califórnia, com fitas de *nylon* esticadas entre árvores e escarpas rochosas, mas foi nas praças e parques que se espalhou pela facilidade de se praticar e de divertir pessoas de todas as idades, pelo desafio de equilíbrio que exige concentração e autocontrole é uma prática crescente na sociedade (COUTO, 2015).

Sendo essas modalidades urbanas, e, portanto, praticadas na cidade de São Paulo, definiu-se que seriam as atividades pesquisadas, pois contém as características de risco e perigo envolvidas e uma evidente difusão no

município, sendo representantes dos esportes radicais. Assim, conhecer como ocorrem essas práticas num centro urbano, quem são os praticantes, como eles aprendem a modalidade e os benefícios da prática são pretensões deste estudo, pois podem auxiliar na reflexão sobre políticas públicas de esporte e lazer atualizadas aos anseios sociais. Desta maneira, os objetivos deste estudo são descrever as características dos grupos sociais que praticam o *skate*, *slackline* e escalada; revelar como aprendem as modalidades; descobrir os benefícios e verificar as pretensões dos praticantes.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, com caráter etnográfico. Para Severino (2007, p. 123) este tipo de pesquisa busca “[...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Decidiu-se por esse tipo de pesquisa devido a novidade do tema e a necessidade de obter informações in loco para formar opinião e conhecer melhor o objeto de estudo. Foram escolhidos aleatoriamente 46 sujeitos, sendo 16 escaladores, 20 skatistas e 10 *slackliners*, todos com idade superior a 18 anos, que após a explicação dos objetivos da pesquisa assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Nove de Julho, sob Parecer nº 882.781. A coleta de dados foi realizada em praças, parques, ruas e um ginásio de escalada do município de São Paulo.

Os instrumentos usados na pesquisa foram: diário de campo, para registrar os ambientes de práticas de esportes radicais, as características dos praticantes e suas relações sociais; questionário aberto, com as seguintes perguntas norteadoras: Qual sua Idade? Há quanto tempo prática? Em que local prática? Com quem aprendeu? Que benefício adquiriu? Qual a pretensão com a modalidade? A análise dos resultados corresponde às orientações de Gonzalez Rey (2005) que afirma o caráter interpretativo do pesquisador, a partir da confrontação da pesquisa de campo com as referências bibliográficas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretende-se discutir os resultados obtidos na pesquisa de campo a luz do referencial teórico existente sobre a temática, apresentando o perfil dos praticantes, as características da prática, a forma como iniciaram na modalidade e os benefícios que declaram na pesquisa. A partir de então poderá ser feita uma interpretação dos dados.

No presente estudo, a média de idade do grupo, homens e mulheres, foi de 27,5 anos. Martins et al. (2013) apontam que o perfil dos adeptos do skate está aumentando nos últimos anos. Esses dados correspondem ao levantamento feito pelo Ministério de Esporte (BRASIL, 2015) que aponta o skate entre as 12 modalidades mais praticadas no Brasil e com público dos 15 aos 44 anos. Na mesma pesquisa, a escalada apresentou público apenas na faixa etária de 25 a 34 anos, o que confirmam os dados obtidos nesta pesquisa.

A Figura 1 mostra que na escalada os participantes tiveram média de idade mais elevada com 31,6 anos, do que no *slackline* (27,4 anos) e no skate (24,4 anos). A diferença, talvez se relacione com os custos: pagamento do ginásio de escalada, equipamentos de segurança, perigo potencial de quedas, ocorrência de acidentes graves e a necessidade de cursos para aprendizagem. O desfrute de momentos de lazer com o skate e o *slackline* com custos menores de equipamentos favorecem pessoas com menor poder aquisitivo e pessoas mais jovens, que nem sempre tem renda para obter materiais mais caros.

A distribuição entre gêneros ocorreu com 39 homens (82,1%) e 7 mulheres (17,9%), evidenciando que os homens ainda são maioria, entre os praticantes. Cardoso, Marinho e Pimentel (2013) confirmam esses dados e apontam que o esporte é uma manifestação de cultura que se constrói socialmente e que os estereótipos de força, virilidade, coragem fazem parte do imaginário social associado ao sexo masculino.

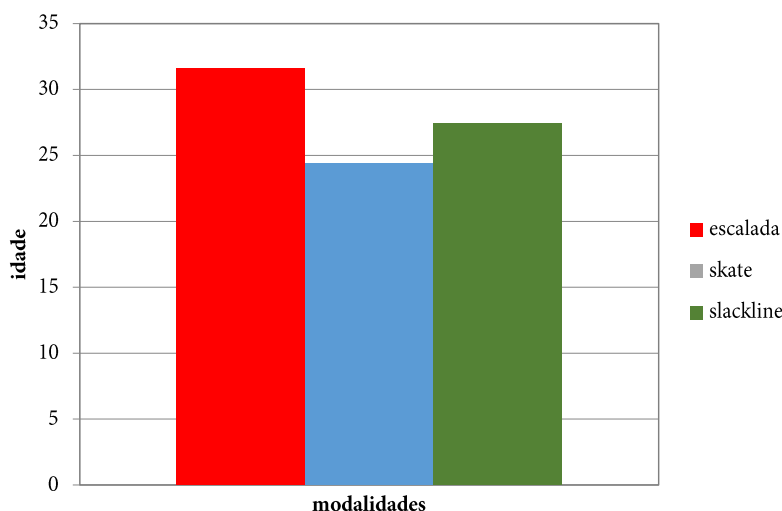


Figura 1. Média de idade segundo o esporte radical praticado pelos participantes do estudo.

O Ministério do Esporte (BRASIL, 2015) aponta que 50,4% das mulheres são sedentárias, contra 41,2% dos homens. Este dado já mostra que a mulher apesar dos avanços sociais obtidos nas últimas décadas, ainda não tem tempo, nem possibilidades iguais aos homens, quando se trata do exercício.

Além disso, apenas 15,6% das mulheres praticam modalidades consideradas “esportivas”, pois segundo dados do Ministério do Esporte (BRASIL 2015), atividades físicas como a ginástica praticada em academias, ou então a caminhada, são as preferidas pelas mulheres, com 34% delas procurando este tipo de exercício. Assim, confirmam que na classificação do exercício físico também identifica-se a mulher numa categoria menos competitiva, ou vigorosa, reforçando o ideário de fragilidade feminina.

Salles-Costa et al. (2003) já tinham obtido resultados semelhantes em sua pesquisa reforçando ainda mais, o fato da mulher não ser protagonista na prática “esportiva”. Verifica-se que o esporte por exigir o confronto com o adversário, ou mesmo com seus próprios limites, como é o caso dos esportes radicais, ainda segrega a mulher, sendo menos valorizado por elas, por conformidade social. Figueira e Goellner (2009) afirmam que o skate, por exemplo, é ainda um esporte em construção para a mulher no Brasil.

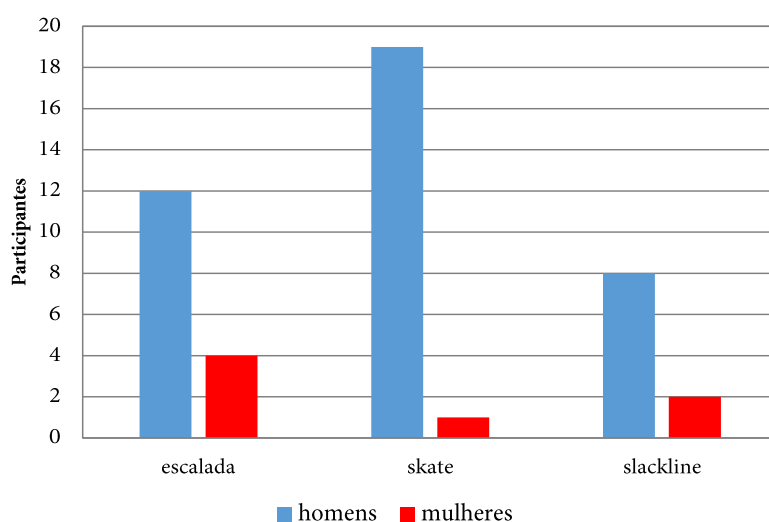


Figura 2. Distribuição por sexo entre as modalidades praticadas do estudo.

Em relação à porcentagem de mulheres por modalidade verificou-se menor no skate, com 5% de participantes em relação aos 25% da escalada, e 20% do *slackline* (Figura 2). Esse fato pode ter sido casual, porém percebe-se que talvez exista ainda mais preconceito na prática do skate em relação às mulheres, do que nas outras modalidades, como apontam Figueira e Goellner (2009).

A associação do esforço exigido e do risco de lesão parece tirar a feminilidade das praticantes dissociando-as de atividades perigosas e segregando-as aos exercícios que cuidem das formas do corpo, sem agredir o conceito de virilidade masculino que se reflete no esporte (MACHADO, 2013). Isso também acontece por fatores históricos, que são associados à hegemonia dos homens nas práticas esportivas (GOELLNER, 2005).

O tempo de prática das pessoas participantes do estudo foi bastante variável, 24,4% com menos de 1 ano, 30,6% tinham entre 1 a 3 anos de prática, 5% praticam entre 3 a 5 anos e 45% já praticam há mais de 5 anos a modalidade (Figura 3). A manutenção numa prática esportiva relaciona-se com diversos fatores, tempo livre, acessibilidade, cultura, motivação, objetivos pessoais, ou emoções.

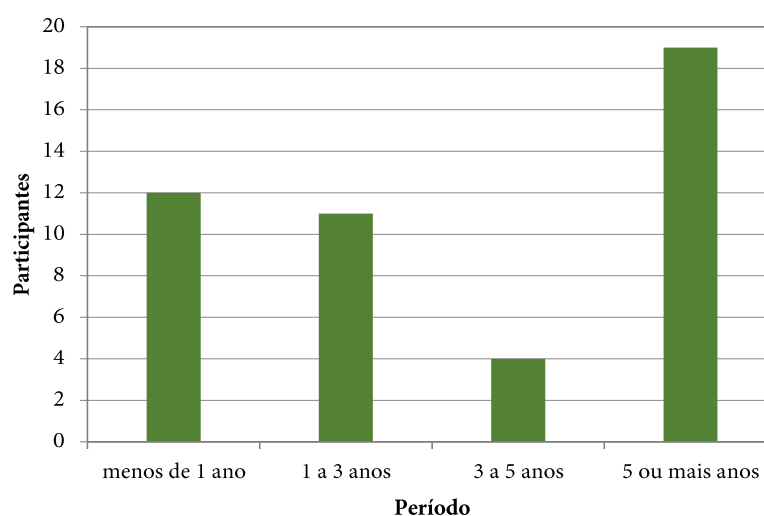


Figura 3. Tempo de prática dos participantes da pesquisa.

Uma das questões vinculadas à permanência no esporte que se pode discutir em relação aos dados obtidos é que os praticantes de esportes radicais com até 3 anos de prática tendem a não conseguir estabelecer metas realistas quanto ao seu desempenho e em consequência podem apresentar apatia, relaxamento ou ansiedade excessiva, que dificultarão a execução das suas atividades. Também, podem não equilibrar a percepção das metas estabelecidas com o tamanho do desafio proposto, isto só é percebido em praticantes com mais de 3 anos de experiência (VIEIRA et al., 2011).

O equilíbrio entre os mais e menos experientes nas modalidades investigadas aponta para um processo contínuo de renovação destas práticas, e a observação dos pesquisadores evidenciou que as trocas de saberes entre eles e a sociabilidade aproximam os níveis de conhecimento e favorecem o intercâmbio de informações e afetividades, como observou Marinho (2001).

Não há muitas opções de prática de esportes radicais no município de São Paulo, um exemplo é a recente criação do Centro de Esportes Radicais da Prefeitura de São Paulo inaugurado em 2016 (SÃO PAULO, 2016). No caso da escalada existem apenas 2 ginásios especializados na cidade, portanto a variação de espaços de prática não é tão simples para os entusiastas dos esportes radicais.

Apenas 3 pessoas, das 46 praticam a modalidade apenas no local em que foi realizada a pesquisa, os demais procuram ir a outros lugares. Entre os praticantes da escalada todos confirmaram que além do ginásio de escalada, também praticam em rochas e montanhas como já apontava Marinho (2001). Já, entre os skatistas muitos locais foram citados, como: o Supermercado Davó, Tiquatira, ladeira de Alphaville, São Bernardo, CEU

Veredas, Ibirapuera, Ermelino e Praça Roosevelt, observa-se que a cidade oferece diversas possibilidades para andar de skate, mesmo porque muitos desses locais não foram criados para a prática (supermercado, praça, ladeira), eles são incorporados à linguagem do skate através da ressignificação da arquitetura urbana pelo skatista.

Entre os praticantes de *slackline* também houve mais locais de prática citados, como Vila Lobos, São Bernardo, Jardim Cumbica, e até outros estados. A facilidade em montar as fitas em postes, ou árvores favorece a expansão do *slackline*, e a possibilidade de compartilhar a fita entre os praticantes diminui os custos e aumenta a acessibilidade. No caso da escalada há necessidade de pagar um ginásio, ou viajar para as rochas, pois na cidade pesquisada não há locais gratuitos para a prática, o que elitiza a modalidade. Políticas públicas específicas para a promoção dos esportes radicais no Brasil são poucas, e o município de São Bernardo do Campo (SP) foi o primeiro a investir em um local para estas atividades, com espaços para skate, escalada, bicicleta e patins projetados especificamente para este público, confirmando que os participantes desta pesquisa deslocam-se para estes locais pela qualidade de seus equipamentos e pela gratuidade dos mesmos (PEREIRA; MENEZES, 2008).

Observa-se que as políticas públicas negligenciam os esportes radicais, pois entre todos os locais citados, apenas o parque de Esportes Radicais de São Bernardo e o Centro Unificado Educacional Veredas são investimentos específicos para a população desfrutar dos esportes radicais como opção de lazer, os demais são espaços adaptados nas modalidades de skate e *slackline*, e locais privados na escalada.

Quando se trata de aprender os esportes radicais, os profissionais de Educação Física não costuma ser a referência do ensino. Nesta pesquisa todos os sujeitos informaram que sua iniciação se deu com amigos, familiares, ou que aprenderam sozinhos. Desta forma, a escola nem é considerada como espaço de conhecimento, ou introdução às modalidades pesquisadas. Os dados revelam que o profissional de Educação Física não aparece como opção de ingresso na cultura das atividades de risco, diferindo das modalidades tradicionais nas quais o professor é em geral o primeiro incentivador na escola (BRASIL, 2015). Um dos motivos para tal diferenciação em relação à outras formas de cultura corporal, reside no fato do professor de Educação Física não ter em sua formação na graduação esse tema, pois poucas Instituições de Ensino Superior oferecem essa capacitação (CORRÊA, 2008). A implantação de políticas públicas de lazer e esporte, depende tanto das ações específicas de governo, no intuito de oferecer espaços e equipamentos adequados, quanto da participação de profissionais com informação e formação adequada para o exercício da atuação no lazer e no esporte, atendendo às demandas sociais por esse tipo de prática.

Em relação aos benefícios, a Figura 4 mostra que 26 pessoas apontam que obtiveram melhoras do ponto de vista físico/motor, 25 obtiveram ganhos sócio/afetivos e 7 apontaram para benefícios de ordem cognitiva. Cada praticante encontra vantagens para sua manutenção na prática e se motiva em função do que obtêm na modalidade, esses benefícios são comprovados em outros trabalhos (ARMBRUST; LAURO, 2010; PEREIRA, 2013).

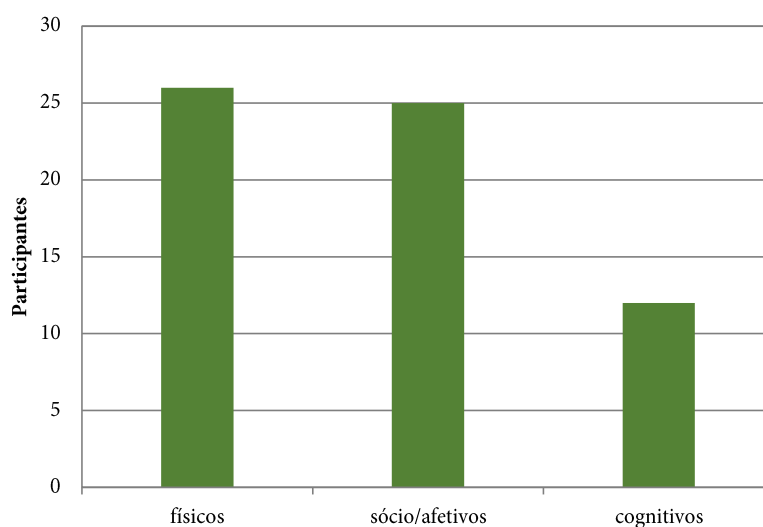


Figura 4. Aspirações relativas ao desenvolvimento pessoal.

A reflexão sobre as intenções dos praticantes pode auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas, pois permite conhecer o que querem e quais suas metas. Este estudo conseguiu evidenciar alguns fatores que motivam os praticantes de skate, *slackline* e escalada (Figura 5). O lazer é a pretensão mais aparente nas respostas dos sujeitos, sendo que menos de 25% dos sujeitos dedica-se à prática de forma competitiva, ou para trabalhar com a modalidade como instrutor de esporte radical.

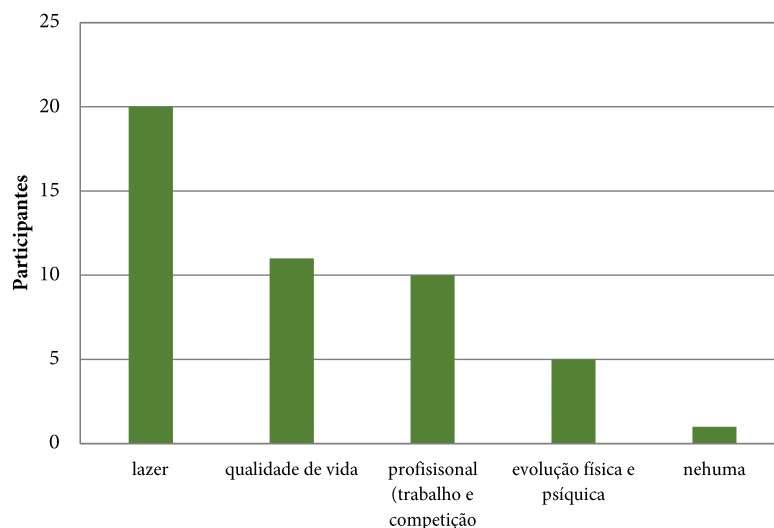


Figura 5. Pretensão dos sujeitos em relação ao futuro na atividade praticada.

* Cada sujeito podia dar mais de uma resposta nesta pergunta.

Como já apontado por Marinho (2001), divertir-se continua sendo o grande objetivo das pessoas que praticam esportes de risco calculado. A fruição é considerada valor imprescindível para essas pessoas. Mas outras motivações também são consideradas, como obter saúde, adquirir condicionamento físico, controle mental, ou seja, no sentido da qualidade de vida e da evolução pessoal. Reforça-se que o lazer é um componente já relacionado com a melhoria da qualidade de vida (BANDEIRA, 2016; CORREA, 2008; MARINHO, 2003).

Há respondentes que disseram que querem competir e se divertir ao mesmo tempo, mostrando que mesmo com intenções mais sérias e metas de treinamento mais severas, eles não abrem mão da diversão e do prazer. Observa-se que aproximadamente 5% do total dos sujeitos tem preocupação com sua evolução do ponto de vista físico, ganho de força, resistência, etc.; ou do ponto de vista psicológico, vencer o medo, obter confiança, determinação, etc.

Do ponto de vista das políticas públicas para o esporte e o lazer, Werle (2010) afirma que os gestores públicos devem abrir canais de comunicação com a população para que os interesses do povo sejam levados em consideração na efetivação de políticas que atendam as demandas sociais. Sendo assim, na implantação de práticas esportivas como estas, tanto os conceitos de lazer, como de saúde e até de competição devem ser levados em conta.

Bandeira (2016) salienta que na ausência de investimentos públicos, o setor privado tem oferecido serviços nesta área. Sendo o lazer o principal atrativo dos praticantes, cabe aos órgãos governamentais atender as demandas da população, procurando distribuir recursos tanto à parte competitiva, quanto ao divertimento, e ao ensino dessas atividades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os praticantes de esportes radicais buscam em suas ações novos significados para o esporte, algo diferente da lógica competitiva como objetivo exclusivo e primordial, para eles não há vínculo único entre suas atividades

e a competição, aproximando estas práticas do contexto do lazer. A demanda por essas atividades está crescendo na atualidade, trazendo novas configurações aos espaços urbanos, porém o oferecimento de espaços para a prática dessas atividades para a população parece ser menor do que a demanda.

Levando-se em conta o que se observou na pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais quem são os atores dos esportes radicais nos ambientes urbanos. Logo podemos citar a variação de lugares usados para as devidas práticas, o que indica um desejo pela exploração de diversos lugares, na busca de novos desafios. É relevante observar que o profissional de Educação Física geralmente não está envolvido com a iniciação destas modalidades, o que abre uma lacuna no aprendizado sistematizado que as Instituições de Ensino Superior devem suprir.

Os praticantes em sua maioria são homens, o que apenas reafirma o preconceito em relação às práticas esportivas de risco, apontando para a necessidade de incentivos e movimentos que aproximem as mulheres destas modalidades. Pode se pensar em grupos de iniciação em escalada, skate e *slackline* cujas mulheres sejam as instrutoras das modalidades, como mostra Pereira (2015).

As faixas etárias observadas na pesquisa não devem ser encaradas como limites fixos para o oferecimento destas modalidades, mas como oportunidade de se pensar em estratégias, de como estas podem ser ofertadas a outros públicos, que não costumam praticá-las devido à determinação social e econômica que elas carregam em sua recente história. Assim será possível, por exemplo, que pessoas mais velhas comecem a se interessar pelo skate e que os mais jovens possam também praticar a escalada. Desta forma, acredita-se que é possível que esta cultura corporal se expanda e se solidifique de forma mais democrática e plena na sociedade.

Mais pesquisas devem ser feitas para compreender o assunto em profundidade, a fim de que o conhecimento sobre os esportes radicais amplie-se para que os profissionais de Educação Física atuem de acordo com as demandas sociais e atendam com qualidade a população que necessita destes serviços. Por fim, as pretensões dos praticantes são variadas, mas com uma forte relação com o prazer que a prática proporciona.

5 REFERÊNCIAS

- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, 2010.
- BANDEIRA, M. M. **Políticas públicas para o lazer de aventura: entre esporte e turismo, fomento e controle de risco**. 2016. 240f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2016.
- BERTUZZI, R.; LIMA-SILVA, A. E. Principais características dos estilos de escalada em rocha e indoor. *Acta Brasileira do Movimento Humano*, Ji-Paraná, v. 3, n. 3, p. 31-46, 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Diesporte. Diagnóstico Nacional do Esporte**. Caderno 1. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/>>. Acessado em: 22 de junho de 2016.
- CORRÊA, E. A. **Formação do profissional de educação física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza**. 2008. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.
- COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. A Aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. *MotusCorporis*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 96-112, 1999.
- COUTO, F. A. O equilíbrio dinâmico em praticantes adultos de slackline. In: PEREIRA, D. W. **Novas experiências na aventura**. São Paulo: Lexia, 2015.
- FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, 2009.
- GALATTI, L. R. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. 305f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação

Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GONZALEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

LAURO, F. A. A. Skate de vilão à mocinho. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CBAA). **Anais...** Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. São Paulo: Lexia, 2010.

MACHADO, G. M. C. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. **Anais...** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos feminismos. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385055574_ARQUIVO_GiancarloMarquesCarra-roMachado.pdf>. Acessado em: 22 de junho de 2016.

MARINHO, A. Da aceleração ao pânico de não fazer nada. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

MARINHO, A. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. 2001. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARTINS, B. G.; ALVES, V. S.; GOUVEIA, M. M.; BESSA, A. H. S.; NOGUEIRA, W. S. Etnografia de rua: espaço urbano e sociabilidade na prática do skate. **Praxia**, Quirinópolis, v. 1, n. 4, p. 62-65, 2013.

NUNES JÚNIOR, P. C.; GALATTI, L. Esporte contemporâneo: o espaço urbano como perspectiva de análise. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 19, n. 199, 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd199/esporte-contemporaneo-o-espaco-urbano.htm>>. Acessado em: 09 de dezembro de 2014.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: De ROSE JÚNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002. p. 89-98.

PEREIRA, C. G. Skate: tutorial pedagógico de skate para profissionais de educação física. In: PEREIRA, D. W. (Org.). **Novas experiências na aventura**. São Paulo: Lexia, 2015.

PEREIRA, D. W. Slackline: vivências acadêmicas na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 25, n. 41, p. 223-33, 2013.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura**. Os esportes radicais, de aventura e ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PEREIRA, D. W.; MENEZES, E. O skate em São Bernardo do Campo. In: 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA. **Anais...** Universidade São Francisco de Assis, Santa Teresa, 2008.

PIOVANI, V. G. S. Atividades de aventura: prática para um tempo livre para o consumo ou para um tempo livre mais humano? **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 2, p. 61- 67, 2013.

SALLES-COSTA, R.; HEILBORN, M. L.; WERNECK, G. L.; FAERSTEIN, E.; LOPES, C. S. Gênero e prática de atividade física de lazer. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, Sup. 2, p. S325-S333, 2003.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. **Centro de Esportes Radicais recebe “street park”**. Secretaria Especial de Comunicação, 11/12/2016. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/centro-de-esportes-radicais-recebe-201cstreet-park201d-1>>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 6, p. 1277-311, 2001.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

VIEIRA, L. F.; BALBIM, G. M.; PIMENTEL, G. G. A.; HASSUMI, M. Y. S. S.; GARCIA, W. F. Estado de fluxo em

praticantes de escalada e skate downhill. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 4, p. 591-9, 2011.

WERLE, V. Reflexões sobre a participação nas políticas públicas de esporte e lazer. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 135-42, 2010.

Autor correspondente: **Dimitri Wuo Pereira**

E-mail: **dimitri@rumoaventura.com.br**

Recebido em 30 de novembro de 2016.

Aceito em 08 de junho de 2017.